TL1329-22

TIMOR E A INDONÉSIA:

SEMELHANÇAS E CONTRASTES NO PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Timor e a Indonésia são duas entidades políticas que surgiram num contexto histórico diferente no tempo e no espaço.

A Indonésia, como tal, é um sub-produto da II Guerra Mundial. E até o nome lhe foi dado por um Inglês.

Quanto a Timor, séculos antes do período pré-colonial, já se afirma-ya como uma entidade histórica e tinha uma estrutura sócio-política que resistiu à cobiça dos estranhos.

Na verdade, a fragância do sândalo, então considerado como panaceia para múltiplos usos e necessidades, projectou desde o séc.XII, o nome de Timor para além da sua área geográfica.

Diz uma fonte Portuguesa do séc. XVI: "He tão hermosa este sândalo pera todo o Oriente que vem a ser huma das melhores fazendas que se comerceão".

Na China Imperial, a referência mais antiga ao comércio de sândalo de Timor é do reinado dos YUANS no séc XII.

No período pré-colonial, a actual Indonésia não era mais do que um conjunto de ilhas independentes como Sumatra, Java, Celebes, Macas-sar, etc, que formavam o então Arquipélago da Insulíndia, povoada por gente marítima de raça malaia.

Nos primeiros séculos da Era Cristã, os reinos da Insu-líndia foram civilizados por navegadores Indianos, portadores de Budismo e Bramanismo e a literatura sânscrita que criou a civilização Hindo-Javanesa e inspirou as construções arquitectónicas como o majestoso Barobudur na costa de Java.

Mais tarde, outras religiões, como Islamismo e Cristia-nismo, fizeram a sua entrada nessas ilhas.

Ora se houvesse algum laço histórico-cultural entra a Indonésia e Timor, tal laço deveria ser visível nesse período pré-histórico.

Mas os factos provam que a alegada pretensão de elo cultural com Timor carece de fundamentos históricos.

É que nesse tempo pré-colonial não havia uma unidade política na Insulíndia capaz de impôr a hegemonia sobre as restantes ilhas.

Apenas a partir do séc VIII, a hegemonia dos mares foi exercida pelo reino da Srivijaya, fundado pela dinastia Sailender e cujo centro de gravidade se encontrava na costa oriental de Sumatra.

Mas o império de Srivijaya, para poder sobreviver, tinha que se tornar um estado feudatário e tributário da China Imperial e assim adoptou a religião budista.

A partir do séc. X Srivijaya não resistiu aos ataques dos seus inimigos e entrou em declínio para surgir depois o reino Hindu Majapahit na Ilha de Java.

Majapahit era também estado satélite, feudatário e tributário dos Imperadores Mings da China.

Se a China se lembrar de reclamar para si a actual Indonésia a China tem fundamentos históricos para o fazer, muito mais do que a Indonésia sobre Timor.

Ora ambos os impérios Srivijaya e Majapahit tentaram reclamar a sua suberania sobre os territórios que se encontram a oriente de Lombok e Celebes, mas tal pretensão era apenas nominal, pois, no caso de Timor, não se encontram lá influências de correntes culturais como Hinduismo, Budismo, e Islamismo que dominam nos citados impérios e em quase toda a Insulíndia.

Numa palavra, Timor ficou fora da zona de influência e hegemonia cultural-religiosa e política dos reinos e impérios que surgiram na Insulíndia.

Por outro lado, o temperamento indómito e independente dos régulos de Timor não permitiu a entrada de estranhos na Ilha; mesmo os comerciantes de sândalo só era permetido o tempo necessário para a recolha dos produtos comerciais.

A postura dos régulos de Timor em relação aos estrangeiros é mais ou menos a que escreve este escritor Inglês A. Caboton.

> "The Island is adhered between a host of petty rajahs
> Turbulent and insular, hating foreigners.
> The Timorese retain their independence virtually
> and appear to despise as weel as dislike their
> would be rulers whether Portuguese or Dutch"
> (A. Caboton: Java and Dutch Indies" pg 357)

Ora se não existisse nenhum laço histórico-cultural entre a Indonésia e Timor durante o período pré-colonial dificilmente poderia existir no tempo colonial. Se bem que nos primeiros séculos, Portugal tivesse também ocupado algumas das ilhas que formam a actual Indonésia, no séc. XVII, porém, sob a pressão dos Holandeses teve de contentar com o arquipélago da Sunda, mais precisamente, Solor, Flores e Timor. Tanto

Portugal como Holanda adoptaram uma política colonial totalmente diferente.

A Holanda de religião calvinista seguiu uma política discriminatória e imprimiu nas suas colónias um cunho completamente diferente de Portugal católico e tolerante.

A política administrativa Holandesa era centralizadora e a Portuguesa descentralizadora.

Podemos tomar como exemplo a Ilha de Timor. Na parte Holandesa existem apenas 4 concelhos: Cupão, Soe, Kefa e Atambua, com hospitais, estabelecimentos comerciais, escolas, correios, etc.

Fora dos concelhos era difícil encontrar serviços públi- cos, pois os postos administrativos não passavam de um posto de polícia, a residência missionária e o seu posto de sáude ou clínica.

Enquanto no Timor Português existiam 13 concelhos com uma distribui- ção equitativa dos serviços públicos para todas as áreas de Timor, tais como assistência hospitalar e médica, correios escolas e o turismo, coisa inexistente no Timor Indonésio.

Alguns postos de Timor Português tinham mais facilidades de serviços públicos do que os concelhos indonésios de Soe e Kefa.

Além disso os concelhos de Timor eram servidos por uma rede de 8 aeródromos, e um aeroporto internacional, enquanto que na parte indonésia só existem dois.

Outros estrangeiros notam este contraste entre o Timor Português e Timor Holandês.

O Brigadeiro Bernard Callinam, comandante-chefe das forças Australianas em Timor durante a II Guerra Mundial na luta contra os Japoneses escreveu no seu livro "Independent Company" sobre o comportamento diferente dos naturais de Timor Holandês e Português em relação aos comandos Australianos.

No Timor Holandês sempre que os australianos caissem nas mãos dos nativos ou eram denunciados aos Japoneses ou eliminados.

Enquanto os naturais de Timor Português davam-lhes todo o apoio e colaboração para os Australianos poderem, sobreviver.

Callinam atribuiu essa diferença de comportamento à severidade do regime Holandês que até mandava mulheres para tra- balhar nas estradas, ao contrário dos Portugueses.

E também atribuiu isso ao factor religioso, dizendo que o Timor Português não era muçulmano, mas católico.

Eu próprio na minha experiência de uma ano de refugiado em Atambua desde Setembro 75 a Outubro 76 e na qualidade de presi- dente da Comissão dos Refugiados de Timor Leste e como sacerdote

Católico participei em muitas reuniões religiosos, civis e até militares e constatei o seguinte:

Em quase todas as reuniões a que assisti, não havia discussão sobre os diferentes pontos de vista. Parecia-me que os participantes tinham o receio de expôr o seu ponto de vista que pudesse vir a estar em conflito com o de superior. Limitavam-se simplesmente a confirmar aquilo que o superior disse. Isto é, todos pensam pela cabeça do seu superior. Eram a Master's voice.

Constatei também um culto exagerado pelo militar que era considerado intocável. Mas desde o dia em que um refugiado Timorense em justa defesa com dois pontapés certeiros mandou um capitão de paraquedistas indonésios para hospital, os habitantes de Atambua ficaram escandalizados com a notícia por o nosso Timorense ter desmistificado a auréola intocável do militar ou tentara indonésio.

Notei também que os jovens da Atambua ficavam escandalizados ao verem os casais Timorenses a passear pelas ruas de Atambua de braços dados mas não ficavam ao ver os homens indonésios a andarem de braço dado pelas vias públicas.

Notei igualmente que os refugiados de Timor Leste sentiam certa relutância em estar na bicha para receberem a roupa distribuída pela Cruz Vermelha Indonésia, mas para os naturais de Indonésia é normal receber esmolas, mesmo nas circunstâncias normais.

Por outro lado nos meus dez anos de vida missionária em Timor-Leste trabalhei em todos os concelhos, excepto, Oecusse, Cova-Lima e Dili; e constatei também que o Timorense de Timor Leste em geral é hospitaleiro, andarilho por natureza, galgando montes e vales e só para ir ao bazar. É curioso mas fecha-se ao estranho e abre-se totalmente ao amigo. Respeita os mais velhos e nutre um culto especial pelos seus defuntos. Gosta de cantar, é sóbrio, ecológico cujo relógio é o cantar das aves, andando fora de casa todo o dia, vivendo uma vida ligada à natureza. E levanta-se antes de despontar o astro-rei.

Nada disto encontrei no Timor Indonésio, apesar de vizinhos.

Falando da actual República da Indonésia pode-se afirmar que nasceu em Agosto de 1949 e uma nação ainda em projecto a procura uma solução para resolver o seu problema de diversidade de culturas; línguas, de raças; e religiões. É um arquipélago de 13.677 ilhas povoadas por povos de diversas etnias que fala mais de 250 dialectos.

A diversidade da Indonésia é conhecida pelo próprio governo Indonésio que adopta como divisa nacional ou moto as seguintes palavras:

"BHINNEKA TUNGGAL IKE" quer dizer "unidade na diversidade"-

Para conseguir essa almejada unidade, foi preciso recorrer a força das armas para submeter à Java as outras ilhas, talvez mais ricos em recursos naturais.

Java passa a actuar como neo-potência colonial, substituindo a Holanda.

E depois recorre-se ao processo de aculturação, absorvendo os valores culturais hindus, budistas, islâmicos e até cristãos dando-lhes uma roupagem Javanesa. E assim chega a haver cristãos que são ao mesmo tempo budistas; e budistas que são também muçulmanos, pois na Indonésia tudo é possível porque ela constitui a zona periférica das grandes religiões não cristãs recebendo os resíduos de todas elas, tal como as águas de um rio que quanto mais se afastam da nascente mais se tornam polúidas.

E até no campo político se fazem ensaios ridículos de aculturação. O falecido presidente Sukarno tentou aglutinar o nacionalismo, a Religião, o comunismo num só princípio ou filosofia do estado chamado NASACOM.

E o NASACOM faliu, tendo uma vida breve, porque a Religião e o comunismo que são dois princípios contraditórios não podem conviver juntos.

O Presidente Suharto tentou por sua vez arranjar outra filosofia de Estado e que se chama PANCASILA que se campõe dos seguintes:

Crença num Deus, Nacionalismo, Democracia, Justiça Social e Unidade na Diversidade. Tudo isto é muito bom no papel, mas na prática é letra morta.

Daqui se pode concluir que a diversidade da Indonésia é uma realidade e a sua unidade é apenas um mito.

Ora se a Indonésia não conseguiu resolver o seu problema da diversidade dentro da sua própria nação, ao integrar outros territórios pela força das armas só irá agravar os problemas.

E a Indonésia é um país fértil de problemas. Para além do problema da diversidade, há o problema de desemprego, pois mais de dois milhões de jovens entram anualmente para o mercado do trabalho.; o problema da dívida externa é de 80 bilhões de dólares Americanos.

O problema de uma corrupção legalizada, da economia nacional mal gerida e orientada em que os filhos do Suharto, parentes e amigos monopolizam as principais actividades económicas em detrimento do produtor e consumidor.

O problema de uma critíca internacional pelo desrespeito pela dignidade e direitos humanos.

Seria bom ao governo Indonésio resolver os seus problemas internos e domésticos e não criar mais problemas com aventuras militares.

Depois da ocupação e anexação de Timor pela Indonésia o Povo de Timor Leste e o Povo da Indonésia têm mais semelhanças que contrastes porque ambos têm o mesmo denominador comum de serem dominados e explorados por um dos regimes mais repressivos, autoritários e retrógrados do Mundo.

E por isso os dois povos devem cerrar fileiras para se libertarem desse monstro sanguinário.

O Povo de Timor-Leste, porque conviveu com os Portugueses durante séculos numa sociedade mais aberta e tolerante sabe o que significa a liberdade e sobretudo depois de a ter perdido.

E por isso esforça-se por lutar em todas as frentes para poder conseguir a liberdade perdida.

Enquanto o Povo Indonésio que nunca experimentou o que é a liberdade e democracia não está consciente da exploração de que é vítima. É necessário que o povo Indonésio seja mentalizado quanto aos seus deveres e direitos. É preciso que o Povo da Indonésia saiba que Timor-Leste está a lutar contra um regime que tiraniza o próprio povo indonésio. Que os movimentos da Libertação dentro da Indonésia desde Ache, Molucas até Papua Ocidental ou Irian Jaya, intensifiquem e diversifiquem a sua luta pela liberdade.

O Governo de Suharto só ficaria a ganhar e conseguir a sua boa reputação internacional se respeitasse a vontade do Povo de Timor-Leste de realizar um referendum sob os auspícios das nações Unidas.

Mas se Jacarta persisitir na sua política da Terra queimada, que não é de interesse do povo Indonésio e muito menos do Povo de Timor-Leste, então cedo ou tarde virá ter o mesmo desfecho que a antiga União Soviética ou a Juguslávia, pois todas as confederações ou anexações ou integrações conseguidas pela força das armas são uma aberração política que termina em desastre.

Meus Senhores: digam todas comigo

Viva Timor Livre.

Francisco Fernandes

7

REFERENCIAS:

1 - SA, Artur Basílio: Documentação Para a História das Missões do Padroado do Oriente" Insu- líndia. Vol 4.1568-79

2 - HAL, DGE: A History of South East Asia

3 - Lea E. Williams: South East Asia : A History N.Y. Oxford Uni. Press 1976

4 - LEE Khoon Choy : Indonesia Between Myth and reality Federal Publications, Singapore, Kuala Lumpur, Hong-Kong

5 - RODRICH PTAK: The Transformation of Sandalwood from Timor to China and Macau 1350-1600

6 - THOMAZ, Luis Filipe F.R.: The Malay Sultanate of Malaca, Uni Nova Lisboa

7 - CALLINAM, Bernard, DSO, M.C. - The Indepedent Company

8 - HELEN MARY: Fretilin: Origins, Ideologies and strate- gies of Nationalist Movements in East Timor Politics Department Monasch Uni. 1978